



TCC/Unicamp
M429m
1552 FEF/194

Marina Hisa Matsumoto

MEMÓRIAS, CORPO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Campinas
2002

Marina Hisa Matsumoto

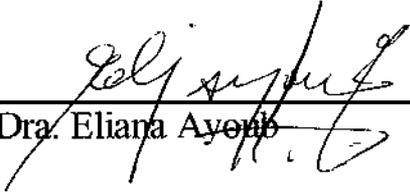


MEMÓRIAS, CORPO E EDUCAÇÃO FÍSICA

Monografia apresentada para a obtenção de título de Licenciada em Educação Física pela Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, sob a orientação da Profa. Dra. Eliana Ayoub.

Campinas
2002

Banca examinadora:



Prof. Dra. Eliana Ayoub

Prof. Dra. Carmen Lúcia Soares

AGRADEÇO

A todos
que me amaram e que amei,
que me odiaram e que odiei,
que me amaram e que odiei,
que me odiaram e que amei,
que me ajudaram a ser melhor.

A TODOS.

DEDICO

À
Simone,
Dorcelina
e
Devair.

RESUMO

A pergunta desta monografia vem sendo constituída pelas primeiras experiências sentidas e incorporadas em mim. Essas memórias, essas marcas, essas construções, instigaram-me e levaram-me ao corpo-problema antes mesmo de saber o que era o corpo-problema. A necessidade de escrever sobre elas foi a de estar novamente onde aconteceram e redescobrir o percebido, captando uma centelha do que me constituiu. E para que serve estudar uma centelha do que me constituiu se, a partir de então, continuo constituindo-me por uma infinidade de centelhas, dentre as quais somente uma quantidade ínfima chegará à consciência?

Serve para eu chegar à pergunta.

SUMÁRIO

FLASHES	07
CHEIRO DE FIGUEIRA	14
MANGAS DOCES	20
RODOPIOS NO SALÃO	26
MÃO SECA	34
RUNPELTINSTISKYN	41
REVELAÇÃO	47
RODA VIVA	57
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65
ANEXO	69

O PLENO E O VAZIO

Carlos Drummond de Andrade (1992, p.1006)

OH SE ME LEMBRO e quanto.

E se não me lembrasse?

Outra seria minh'alma,
bem diversa minha face.

Oh como esqueço e quanto.

E se não esquecesse?

Seria homem-espanto,
ambulando sem cabeça.

Oh como esqueço e lembro,
como lembro e esqueço
em correntezas iguais
e simultâneos enlaces.

Mas como posso, no fim,
recompôr os meus disfarces?

Que caixa esquisita guarda
em mim sua névoa e cinza,
seu patrimônio em chamas,
enquanto a vida confere
seu limite, e cada hora
é uma hora devida
no balanço da memória
que chora e que ri, partida?

FLASHES

Esta é uma narrativa autobiográfica confessadamente destinada a sensibilizar ou aumentar a atenção sobre algumas teses em que a autora bota fé (*botar fé* é uma expressão mais apropriada que *acreditar*, por ter uma maior carga de ação). Teses que serão explicitadas, peculiarmente no final do trabalho, porque é intencional que o leitor chegue a elas, se possível por conclusão própria, após percorrer um caminho de pensamentos muito mais diverso (s) do que se ele já soubesse o ponto de partida – as teses – e chegada – a confirmação ou negação das teses. O que se deseja com este artifício é obter-se uma leitura ativa na construção de reflexões, que não serão coloridas *a priori* na introdução, ao mesmo tempo em que induz, por causa da curiosidade, a uma criticidade **ocupada** em entender o porquê de ter-se escrito algo de algum modo, diferente daquela **pré-ocupada** em descobrir onde estão os furos do tecido.

Quis-se no início apenas contar histórias, o que não foi possível, primeiro pela natureza dissertativa das monografias e segundo por falta de competência literária. Porém, o que parecia um estorvo – ter de citar autores para legitimar idéias e dar verossimilhança aos *causos* – tornou-se um prazer. Examinar as lembranças e os sentimentos dessas lembranças à luz ou à sombra dos conhecimentos apresentados no curso e das leituras e imagens procuradas a partir desse conhecimento. Escolher e recortar desse universo as imagens que contarão memórias e idéias que estarão pela primeira vez fora do ventre que as criou. É no mínimo um desafio tentador.

Um bom início para este trabalho foi entender melhor o que é narrar e como o papel do narrador mudou conforme mudava a relação entre memória e história.

Antes da História existir, o que existia era apenas a memória. Para os antigos gregos ela era o “*meio privilegiado de acesso ao verdadeiro conhecimento*” (Seixas, 2001, p.39) e essa noção de *memória-conhecimento* dava ao narrador o status de homem detentor de saber e à narração a de melhor forma de transmissão de saber. E essas foram as idéias que influenciaram predominantemente até a Idade Média, quando Agostinho referia-se à “*imensa sala da memória*”.

“Chego agora aos campos e às vastas zonas da memória, onde repousam os tesouros das inumeráveis imagens de toda a espécie de coisas introduzidas pelas percepções; onde estão também depositados todos os produtos do nosso pensamento, obtidos através da ampliação, redução ou qualquer outra alteração das percepções dos sentidos, e tudo aquilo que nos foi poupado e posto à parte ou que o esquecimento ainda não absorveu e sepultou (...)” (Santo Agostinho apud Le Goff, 1990, p.445).

E “*assim, a história começou como um relato, a narração daquele que pode dizer ‘Eu vi, senti’*. Este aspecto da história-relato, da história-testemunho, jamais deixou de estar presente no desenvolvimento da ciência histórica” (Le Goff, 1996, p.9). Porém, a partir da Primeira Guerra Mundial, os relatos deixaram de ser considerados fontes de primeira escolha para os historiadores, pois as atrocidades que ocorreram nas trincheiras eram inenarráveis. Walter Benjamin em *O Narrador*, escrito entre 1928 e 1935, assinala o começo do fim da narrativa tradicional acarretado pelo advento da grande guerra. Mas lembra que esse fim faz parte de um processo produzido por um contexto maior.

“(…) A arte de narrar está definindo porque a sabedoria – o lado épico da verdade – está em extinção. Porém esse processo vem de longe. Nada seria mais tolo que ver nele um ‘sintoma de decadência’ ou uma característica ‘moderna’. Na realidade, esse processo, que expulsa gradualmente a narrativa da esfera do discurso vivo e ao mesmo tempo dá uma nova beleza ao que está desaparecendo, tem se desenvolvido concomitantemente com toda uma evolução secular das forças produtivas” (Benjamin, 1994, p. 201).

Processo esse que culminou nas idéias de historiadores modernos, como Pierre Nora que, em 1984, escreve “*Memória, história: longe se serem sinônimos, tomamos consciência de que tudo as opõe*” (Seixas, 2001, p.40). A historiografia de Nora chega mesmo a proclamar o fim da memória, já que “*Tudo aquilo a que chamamos hoje de memória, conclui Pierre Nora, já não o é, já é história*” (Seixas, 2001, p. 41). Apesar de correntes menos radicais não terem subestimado tanto a memória, ainda subjugam-na aos cânones da ciência positivista, considerando apenas o que nela pode-se apalpar e medir. Estavam baseando-se no que Proust chama de memória voluntária, “(…) *que é sobretudo uma memória de inteligência e dos olhos (...)*” (Proust apud Seixas, 2001, p.46). Já a memória involuntária, diferente da outra, é despertada por um sentimento ou uma sensação, é instável e descontínua.

Atualmente, com a crise da ideologia do progresso, há a tendência de resgate, pela história, das subjetividades e das motivações, agora considerando a antes ignorada memória involuntária. “*A crítica da noção de fato histórico tem, além disso, provocado o reconhecimento de ‘realidades’ históricas negligenciadas por muito tempo pelos historiadores (...)*” (Le Goff, 1990,

p.11). O narrador de hoje, então, parece encaixar-se no perfil professado por Benjamin, o perfil do sucateiro.

“O narrador também seria a figura do trapeiro (...), do catador de sucata e de lixo, personagem das grandes cidades modernas que recolhe os cacos, os restos, os detritos, movido pela pobreza, certamente, mas também pelo desejo de não deixar nada se perder” (Gagnebin, 2001, p.90).

Comparando-se o trabalho da narradora ao da fotógrafa, imaginando-se a escolha do objeto ou ser que será fotografado, pode-se dizer que a fotógrafa aperta o botão da máquina quando acha uma imagem que a agrada, mas nem sempre é assim. Muitas vezes ela se vê compelida a bater as chapas, não de imagens que a agradam, mas que a prendem e pedem para serem gravadas, mesmo que contra sua vontade.

E, às vezes, não basta escolher ou ser escolhida, tem-se de achar a maneira apropriada de narrar. Uma maneira que mostre mais do que os olhos poderiam ver.

Assim como a imagem fotográfica não é a transposição integral e fiel do objeto ou ser fotografado, as memórias aqui escritas também não o são dos fatos ocorridos. Sobre os fatos estão sobrepostas camadas de tempo e subjetividade. Os cheiros, cores, caminhos, gostos e imagens estavam em carne-viva, povoavam os sonhos e doíam em forma de saudade. Mas há anos não estão na superfície. Os reveses da vida puseram camadas sobre as experiências da infância. E mesmo se fosse eliminada a passagem do tempo e elas tivessem sido registradas em seguida ao acontecido, teriam sua carga de subjetividade e incerteza, assim como a fotografia tem o enquadramento da fotógrafa, que escolhe um enquadramento por ser-lhe impossível não o fazer.

Além disso, esse enquadramento – que supõe o que se enquadra, quanto desse objeto se enquadra, sob que ângulo, onde está o foco, se o filme é preto e branco ou em cores, o contraste, o brilho ou uso de lentes para aumentar ou distorcer a imagem – constitui a própria memória, se esta for vista como uma construção em permanente dinâmica e não uma acumulação de percepções.

Reforçando: não são contadas histórias com o objetivo de acumular-se conhecimentos sobre uma realidade passada. O texto é construção do hoje, com elementos do ontem, visando o futuro.

“(…) lembramos menos para conhecer do que para agir, sublinham os autores modernos. Nessa perspectiva, a memória é menos um entender o passado do que um agir; impossibilidade, portanto, de se cogitar uma memória desinteressada, voltada para o conhecimento puro e descompromissado do passado. (...)” (Seixas, 2001, p. 53).

Deriva-se daí a dimensão criadora e transformadora da memória e, aqui em particular, da narrativa.

“(…) A memória age ‘tecendo’ fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos (tornando uns mais densos em relação a outros), mais do que recuperando-os, resgatando-os ou descrevendo-os como ‘realmente’ aconteceram. Atualizando os passados – reencontrando o vivido ‘ao mesmo tempo no passado e no presente’-, a memória recria o real; nesse sentido, é a própria realidade que se forma na (e pela) memória. O tempo perdido e reencontrado (no sentido de retomado, de um tempo que começa de novo, e não do eterno retorno do mesmo) não se refere apenas ao passado, mas também ao futuro, ou melhor,

como observou G. Poulet, à capacidade há tanto tempo esquecida de ‘ter fé no futuro’” (Seixas, 2001, p.51).

Outro aspecto interessante na narrativa é o da materialidade resgatada por sua natureza artesanal.

“A narrativa como forma de comunicação da experiência supõe a presença corporal daquele que narra aos ouvintes. (...) Seu ritmo é o do trabalho manual, que do tempo dispõe com intensidade” (Vaz, 2001, p.47).

Bem apropriado para entrar-se no campo dos discursos sobre o corpo, pois, mais que isso, os discursos são, ao mesmo tempo, do corpo.

CIDADEZINHA QUALQUER
Carlos Drummond de Andrade (1992, p.21)

CASAS entre bananeiras
mulheres entre laranjeiras
pomar amor cantar

Um homem vai devagar.
Um cachorro vai devagar.
Um burro vai devagar.

Foto 1 - moradora da cidade de Carmo da Mata/MG, 2002.



Devagar... as janelas olham.
Eta vida besta, meu Deus.

CHEIRO DE FIGUEIRA

Sobrados, mocambos, varandas, ladeiras paralelepipedadas, linha do trem, praça central ajardinada, igreja, rodoviária, escola, casa da luz vermelha, santa casa, cemitério, armazém, clube, bar, lojinha, discoteca, cadeia, campinho de futebol, vila dos doidos e abandonados. Entre a cidade e a roça, doce transição: terrenos com goiabeiras, mangueiras, jaboticabeiras, jambeiros, jatobás, mato, córregos. Na roça, casas coloniais em decadência, senzalas desativadas transformadas em currais, sítios, chácaras, córregos, bicas d'água, cachoeiras, monjolos, cafezais, chiqueiros, galinheiros, precárias estradas, mata-burros, represas, atalhos, grupo escolar, igreja, bar-lojinha.

Cenário típico tanto ilustrado por ilustres contadores de histórias. Especial e único por causa dos atores que por ele passaram.

Pedra viva e mutável porque as meninas brincaram de pega-pega na rua de paralelepípedos, correram com a perícia de quem já teve as pontas dos dedos decepadas uns pares de vezes. Da cadeia, presos chamaram-nas, pediram agulhas, alfinetes, cola, palitos, lâmpadas queimadas, para fazerem miniaturas de navios aprisionados. Depois foram na casa da tia Ema, para lá da linha do trem, equilibraram-se sobre os trilhos escaldantes do meio-dia, desviaram da rua do cemitério. À noite, viram os namorados hipnotizados pelo movimento circular no jardim da praça. Tiveram um sono encantado de amor até o domingo de procissão, que terminou em missa. Na igreja, os namorados sonharam com a marcha nupcial. Segunda-feira acordaram cedo, foram para a escola pelo atalho, pela trilha de mato que transformou as solas dos pés em sólida borracha, tiveram de passar na frente da casa da louca. A louca correu atrás delas com uma foice. No pátio da escola, todas segundas, cantaram o Hino Nacional e rezaram a Ave Maria antes de assistirem as aulas. Nas aulas,

aprenderam que, num passado muito remoto, houvera escravidão no Brasil. À tarde, ajudaram as mães a cuidarem dos porcos e galinhas, fizeram guerra de esterco seco de vaca e cavalo seco e trocaram energia com a água gelada da cachoeira. Dormiram quase juntas com o Sol, ao som das batidas do monjolo, acordaram com os bichos, ao ranger das rodas do carro-de-boi.

Um perfume de saudade quis que ela voltasse. Seus pés descalços tateavam o chão morno, confortável e amigo. O perfume ficou mais forte até ser insuportável, acordando-a. Demorou a lembrar onde estava: no quarto escuro, seu colchão parecia macio em excesso, úmido de suor. Chorava. O perfume persistia durante sua vigília noturna. Que perfume é esse? Só dormiu novamente quando lembrou: O perfume da figueira da praça.



Foto 2 – Antiga estação de trem da cidade de Carmo da Mata/MG, 2002.



Foto 3 – Casarão em Carmo da Mata/MG, 2002-11-14

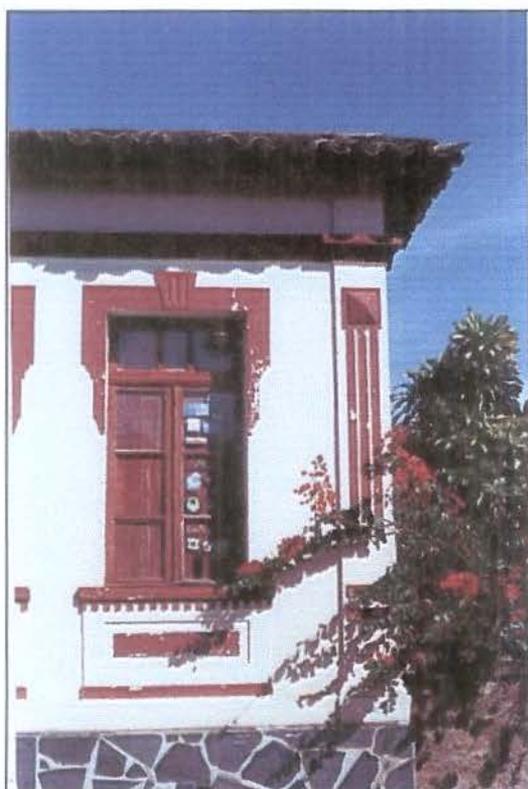


Foto 4 – Detalhe do casarão



Foto 5 – Morador de Carmo da Mata/MG, trabalhando em armazém, 2002.



Foto 6 – Varanda de casa em Carmo da Mata/MG, 2002.

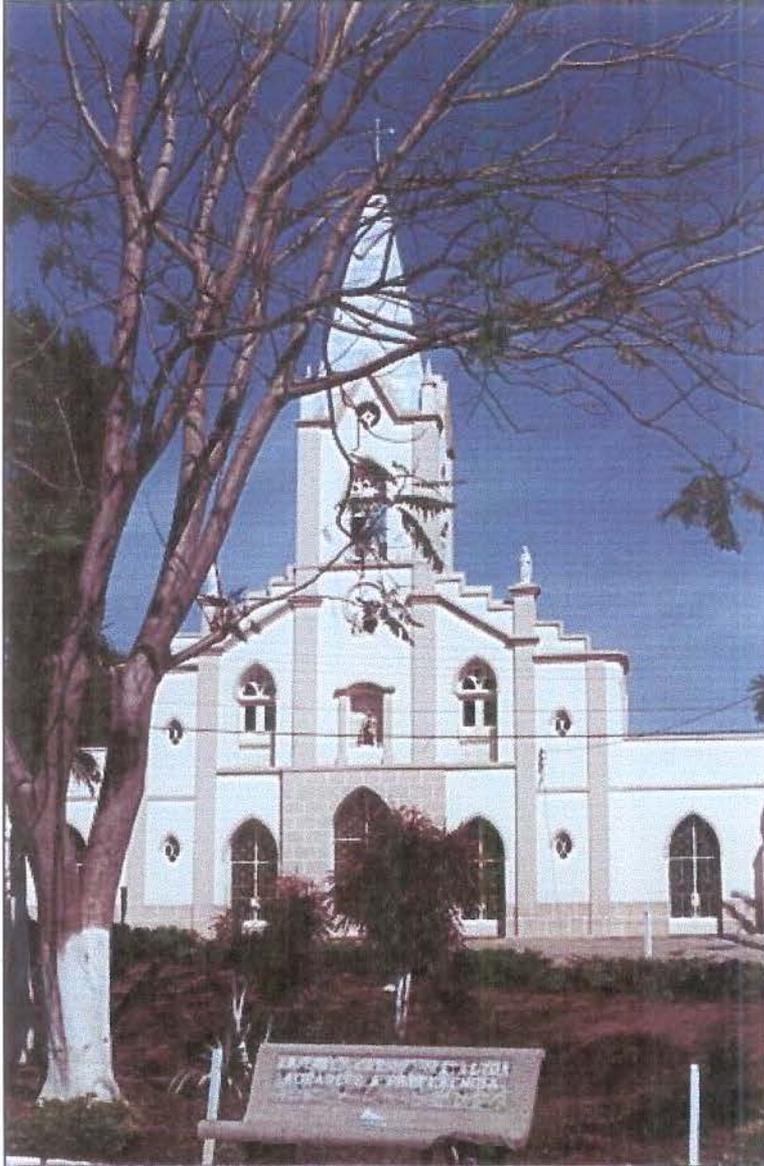


Foto 7 – Igreja matriz de Carmo da Mata/MG, 2002.

AS MINHAS MENINAS
Chico Buarque (1987, Francisco)

Olha as minhas meninas
As minhas meninas
Pra onde é que elas vão
Se já saem sozinhas
As notas da minha canção
Vão as minhas meninas
Levando destinos
Tão iluminados de sim
Passam por mim
E embaraçam as linhas
Da minha mão
As meninas são minhas
Só minhas na minha ilusão
Na canção cristalina
Da mina da imaginação
Pode o tempo
Marcar seus caminhos
Nas faces
Com as linhas
Das noites de não
E a solidão
Maltratar as meninas
As minhas não

As meninas são minhas
Só minhas
As minhas meninas
Do meu coração

MANGAS DOCES

Meninas. Doçura, delicadeza e acima de tudo fragilidade? Sexo fraco. Deve-se ensinar boas maneiras às crianças, sobretudo às meninas: “Sentem-se de pernas fechadas!”, “Falem baixo!”, “Sejam moderadas no comer” e “Comportem-se como mocinhas”.

“A relação prioritária que se estabelece para a moça-direita é do recato, da reserva e da decência, principalmente nas questões relativas à sexualidade. A moça-direita destaca-se justamente por não chamar a atenção; nada de extravagâncias no andar, no vestir, no modo de se pintar, de olhar e de se comportar” (Fraga, 2000, p.91).

Têm de tomar cuidado para não se machucarem ou não serem machucadas, por isso são café-com-leite no futebol. Desajeitadas sempre que a ação envolve força. Ademais, são incapazes de entender uma sacanagem de moleques. Em suma: umas chatas. Não é de admirar que os meninos nunca as deixem participar de seu grupo.

Além disso, quem iria querer brincar com eles? Uns brutos, uns rústicos, sem sentimentos. E se orgulham disso. “Ih! Olha aquele lá! Dançando!!! Viadinho, viadinho!”.

“Os meninos têm de marcar no próprio corpo a interdição ao prazer de um gesto mais sensível, delicado, mais leve. Um lento aprendizado que faz com que esses sentimentos sejam percebidos como estranhos ao universo masculino” (Fraga, 2000, p.126).

Quantas tiveram vontade de jogar bolinha de gude? Quantos tiveram vontade de dançar? Quantos tiveram vontade de estar juntos? Ou será apenas *sentimentalismo feminino*? Talvez seja por isso a ânsia de um dia unirem-se até que a morte os separe...

Papéis têm de ser cumpridos. Símbolos, estigmas e caricaturas, construídos socialmente. Traçam-se comportamentos para as diferentes categorias: mulheres, homens, crianças, adultos, velhos, brancos, negros, pardos, ricos, pobres, patrões, empregados. *“Talvez seja mais prudente apontar que esse dualismo não é algo naturalmente dado; faz parte de uma complexa invenção cultural que procura fixar desigualdades e distinções”* (Fraga, 2000, p.158). Porém, ocorre que a construção dos comportamentos é dialética. O germe da contradição desses papéis está nos desejos e nas ações que vão causar a mudança, a renovação. As meninas são fortes, os meninos são sentimentais. Mesmo quando não sabem disso.

“OS SENTIMENTOS ATRASAM

Os sentimentos atrasam,
as paixões atrasam,
as instituições atrasam,
está tudo o mais, nesse sempre pesar sobre a
existência, ela própria uma idéia a mais,
filósofos, sábios, médicos, padres, pouco a
pouco, de mansinho e brutalmente, têm-nos
feito esta vida falsa
porque não há profundidade nas coisas, não há
além, num mais voragem do que a que formos
capazes de lá pôr.

(...)

Porque o que fala sobre mim
é o nada indevido
peles de seres
sem sentido

sempre a raspar-me, fermentar-me, soprar-me,
 minar-me
 trasvasar-me, manducar-me, decalcar-me,
 chupar-me
 esfregar-me, snifar-me
 uma auréola de pulhas indiscretos, de parasitas
 de nariz pelado” (Artaude, 1993, p.21).

O diabo não é tão feio quanto se pinta. Não é preciso crer que a maioria das pessoas age *como dita o figurino*, porque elas nem sempre agem. Há histórias que se perdem no cotidiano, que não são registradas ou, quando sim, não são notadas, principalmente as histórias das exceções, das discrepâncias, da marginalidade, dos oprimidos. Ou então essas histórias são contadas, mas sob o ponto de vista dos opressores.

“Os documentos históricos revelam apenas que a construção de sociedades foi obra dos homens, que as conquistas e vitórias foram obtidas pelos homens, (...) se devem, exclusivamente, aos homens. Falar das mulheres só veladamente, afetando um ar discreto, porque mulher só entra na História quando do amor grita-se o escândalo, quando publicamente explodem as paixões” (Oliveira, Ribeiro, Paiva, s. d., p.46).

Frágeis? Ah! Ah! Ah! Pois sim. Assim como os negros não eram mais dóceis ao cativeiro que os índios, como há arte nas favelas – “*A arte dominante, no entanto, será sempre a da classe dominante, eis que esta é a única possuidora dos meios de difundi-la preponderantemente*” (Boal, 1983, p.60) -, como as crianças e os velhos não são protótipos nem sucatas, as mulheres são fortíssimas. Pelo menos aquelas quatro meninas eram. Clio, Helena, Diana e Dulce.

Clio era de fora, diferente, curiosa. Helena a mais esperta, nos jogos e no trabalho, conhecia as manhas, conhecia os movimentos certos. Diana a mais forte e corajosa. Dulce, musical. As melhores em casinha, mariquinha, amarelinha, queimada, caça de tanajuras, guerra de mijonas. Chegaram mesmo à maestria. Andavam pela cidade, descalças, distraíndo-se com todas as paixões.

E uma das mais vivas paixões era comer frutas no pé, pretexto para trepar nas árvores. Um dia, estavam se ocupando de comer mangas nos terrenos baldios. Cantavam e batucavam pelo corpo.

Dundex, kundé kunduuuula
Dundex kundé kunduuuula
Dundex de faze pá
Dundex de qualqué tempo
Dundex
Dundex

Empanturradas, mas não satisfeitas de mangas. E não queriam manga fácil não. Queriam manga inatingível: “Ali ó!” Quando não dava para trepar até o prêmio, usavam-se pedras. Aquela mangueira imensa... As pedras de Clio nem alcançavam a altura do alvo.

Avistaram a fruta mais bonita, que não por acaso estava no galho mais alto. Clio nem quis tentar. Helena não conseguiu atirar a pedra tão alto. Dulce quase a derrubou, só faltando um pouco de mira. E se juntassem a força de Dulce e o jeito de Helena? Não. Era muito longe. Aí a Diana resolveu: “Vou subir”. “O quê? Não vai não, sua lôca, qué se isburracha?” Já estava no meio da escalada. O galho alto, fino, balançava-se com seu peso. As outras em baixo: suspense, como se no circo, vendo o equilibrista na corda bamba, sem rede de proteção. “Ai!” Quase. “Ai!” Quase cai. “Ai!” Esticou, esticou.

“Pegou!!!” Desceu, pé esquerdo no chão, pé direito. “Ufa!” E nem quiseram comer a manga.

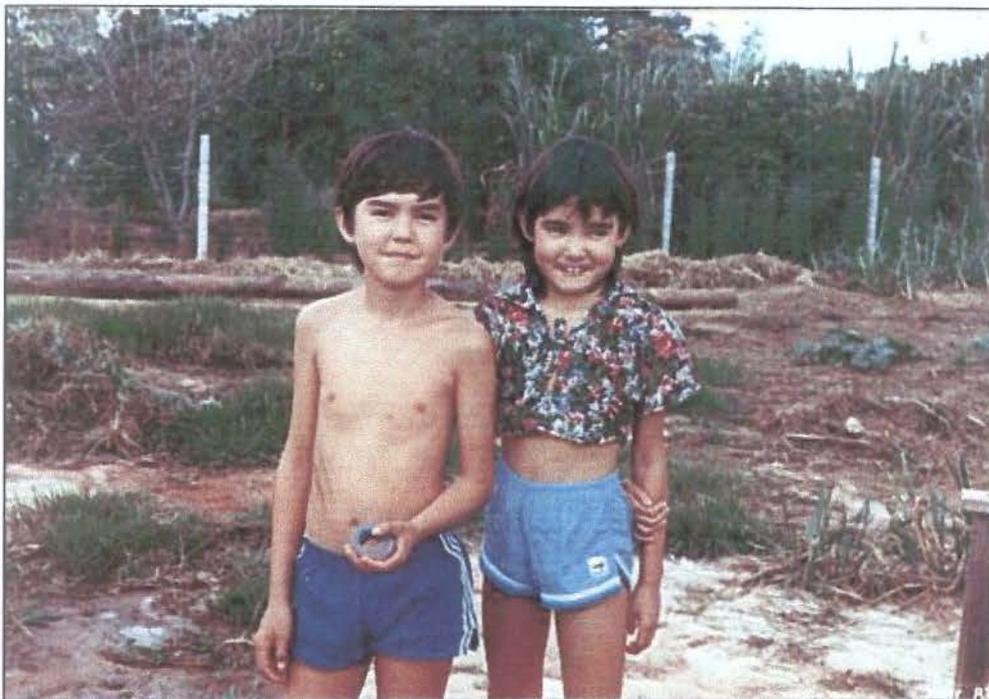


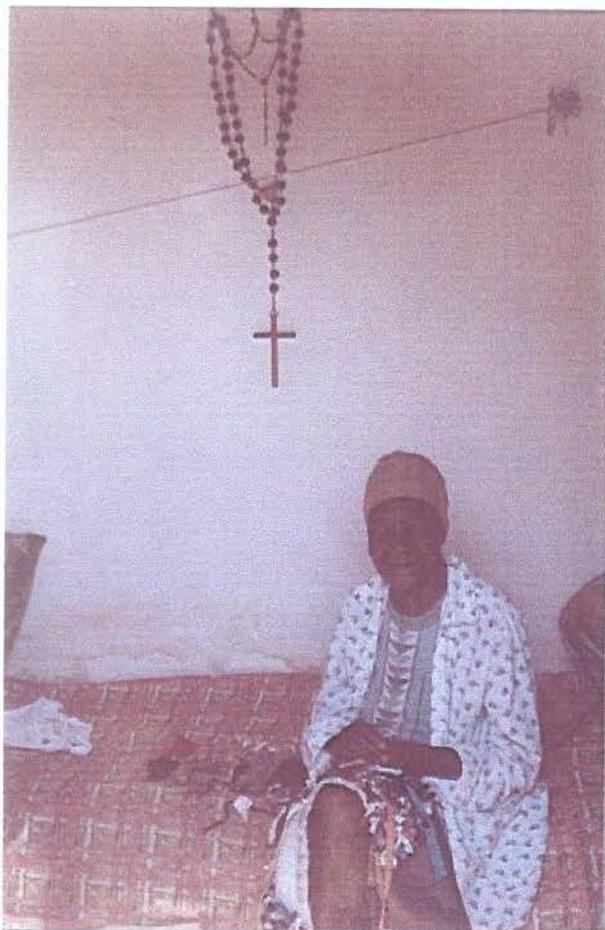
Foto 8 – A autora e seu irmão, 1987.

RAIZ

Carlos Drummond de Andrade (1992, p.506)

OS PAIS primos-irmãos
avós dando-se as mãos
os mesmos bisavós
os mesmos trisavós
os mesmos tetravós
a mesma voz
o mesmo instinto, o mesmo
fero exigente amor
crucificante
crucificado
a mesma insolução
o mesmo não
explodindo em trovão
ou morrendo calado.

RODOPIOS NO SALÃO



Fotos 9 e 10 – Moradora e morador de Carmo da Mata/MG, 2002.

Existiam umas lendas sobre um povoado do quilombo, sobre seus costumes. As histórias sobre as pessoas que ali moravam eram sempre envoltas em atmosfera de esquisitices. “*De qualquer modo, as pessoas grandes não contavam a história direito, e os meninos deformavam o conto*” (Andrade, 1992, p.1158). Fato é que há um Povoado do Quilombo, localizado dentro de uma fazenda, hoje dividida entre os muitos herdeiros de um outrora poderoso senhor do café. Os negros fugiam e escondiam-se numa caverna que depois do fim da escravidão foi descoberta. Tem uma abertura pequenina e dentro um grande salão. Foi encontrada até uma santa milagreira. Esse povoado negro viveu isolado e desprezado por um longo tempo, sendo até mal visto quem, da *civilização*, fosse até lá, onde existia uma gente *suja, maltrapilha, mal educada e sem religião*.

Como em todo o Brasil, o elemento africano de nossa cultura era menosprezado. Os traços, a cor negra era tachada como feia.

“A beleza, a despeito de sua relatividade, é um instrumento de comparação; de valor fundamental em qualquer cultura. A beleza confere uma inquestionável dignidade ao seu portador. Todos sentem uma certa dificuldade de encarar o lado pernicioso ou ruim daquilo que consideram belo. Por isso, desde tempos remotos, sabe-se que toda dominação de uma raça ou etnia deve trazer, no meio de seu aparato repressivo, um processo de aviltamento do subjugado que passe, necessariamente, pela depreciação estética” (Frenette, 1999, p.29).

Nunca nos preocupamos em prestar atenção nas marcas que isso aflige ao corpo, nem nas reações, que podem nos constranger por sabermos que são marcas e reações causadas por algo negativo que está em nós mesmos: o preconceito. Acontece que existem mecanismos para disfarçar os sinais da

nossa incapacidade, de modo que raras são as ocasiões em que não podemos nos esconder. Essas ocasiões podem ser consideradas infortúnios ou prêmios, dependendo do ponto de vista adotado e só ocorrem quando algum espírito dotado de uma sensibilidade e sinceridade nobre e poderosa está presente para assegurar que nada passe despercebido. Esse espírito, um dia, tomou posse da Diana. Ela era negra e forte. Ela era ela. Podia atingir a fruta mais inatingível.

Era carnaval. Elas foram na matinê, no único salão de baile da cidade. Passaram a manhã inteira confeccionando fantasias com sacos de estopa e badulaques. No salão entravam de graça porque conheciam o porteiro. Pulando alegres, aquelas meninas vestidas em andrajos, divertindo-se de igual para igual com outras meninas mais bem fantasiadas. O carnaval, assim como o ano novo, o natal e as copas do mundo tem essa característica de, às vezes, agrupar diferentes num mesmo bloco. Então aconteceu de um esbarrão aqui, outro ali e veio a frase fatídica: “Cai fora, Sua negra fedida!” Era uma garota, pobre garota, irritada com a Diana.

Esta não aceitou a ofensa e fez o que não se esperava: catou todo cabelo da garota como num rabo de cavalo e rodopiou-a pelo salão. À maneira dos orixás, que não levam desaforo pra casa e não aceitam afrontas, nem oferecem a outra face, como Cristo.

Sabiam que esse ato dela, objetivamente, não fora favorável. Tiveram de sair do salão. Provavelmente as pessoas, sem saber os porquês daquela ação ou tendo outro ponto de vista, comentaram que a cena foi grotesca, acharam a Diana grotesca. Mas para elas aquela foi uma tarde de triunfo, de auto-afirmação. Violência? O que é mais violento? Na verdade, aquela era a única forma de, naquela circunstância, dizer: você está errada. Não sabiam nada sobre o que é politicamente correto. Não conheciam regras

de diplomacia. Aquela foi a resposta mais imediata e sincera, muito mais nobre que o comum: fingir que nada aconteceu e sair à francesa.

Ainda tinham apenas um tipo de saber imediato adquirido nas relações familiares e pequeno círculo social da rua e escola. Não será nunca possível dizer quais delas chegariam em quais níveis de consciência de seu próprio valor. Mas naquele momento tiveram o sentimento da posse desse poder. Quem dera se esse sentimento fosse resultado do poder conquistado pela posse do conhecimento. Conhecimento que dá o entendimento de que a beleza é um valor construído socialmente e historicamente. E provavelmente não haveriam violentadores e violentados.

Então todos saberiam o que há de belo em todos. E contra essa beleza nada teriam coragem de fazer.

Depois do carnaval... a surpresa.

Clio saiu para a rua de manhã, estava andando calmamente e de repente veio correndo em sua direção um ser que parecia de outro tempo, “prrrrrr! prrrrrr!” Agitando freneticamente uma vara de marmelo. Diante desta visão ficou entre atônita e apavorada e saiu correndo também, com os pensamentos em estado de paralisia elétrica. Ainda bem que apareceu outro desafortunado em uma esquina e o mascarado mudou seu rumo em direção a ele. Mais atordoada ficou, porque a nova vítima mostrou-se divertida e feliz por estar sendo perseguida. Pensou então, maravilhada, que caíra no meio de um pega-pega à fantasia. Quando chegou mais um mascarado, juntou-se ao outro e encurralaram todos contra um muro, dando-lhes varadas nas canelas. Foi escapar e correr de novo. Depois do susto, acostumou-se e descobriu, estava no paraíso das crianças: pega-pega ininterrupto da quarta-feira de cinzas ao sábado de aleluia.

Sempre foi assim, era a explicação para esse evento anual que envolvia a todos, às vezes até os que não queriam. Parecia até com uma antiga lenda... (anexo) Muitos outros costumes estariam ligados a origens desconhecidas, mais do que as imagens de Iemanjá e do Preto Velho, presente em todas as casas, poderiam fazer supor.

Esse tipo de jogo de rua, que acontece particularmente por ocasião de grandes festas populares, no qual adultos participam em igualdade de status com crianças, parece encontrar-se na transição entre o universo adulto e o infantil, um espaço preservado, sobretudo, nas regiões menos urbanizadas. E desse tipo existiam muitos outros. São jogos que tiveram sua origem não no divertimento *puro*, nem no mundo da fantasia desvinculados das necessidades vitais das comunidades, mas sim começaram como *coisas de adultos*, rituais que visavam sucesso na sobrevivência, integrados à vida da comunidade,

representações das relações sociais etc, distanciaram-se mais e mais de seus porquês e foram *infantilizando-se*, como no caso das cirandas. São pistas de como é formado o mundo da criança.

“Assim como o mundo da percepção infantil está marcado por toda parte pelos vestígios da geração mais velha, com os quais a criança se defronta, assim também ocorre com seus jogos. É impossível construí-los em um âmbito da fantasia, no país feérico de uma infância ou de uma arte puras” (Benjamin, 1984, p.72).



Figura 1 – Ilustração de Carybé (Verger, 1985, p.66).

DEUS E SUAS CRIATURAS

Carlos Drummond de Andrade (1992, p.1009)

QUEM MORRE vai descansar na paz de Deus.

Quem vive é arrastado pela guerra de Deus.

Deus é assim: cruel, misericordioso, duplo.

Seus prêmios chegam tarde, em forma imperceptível.

Deus, como entendê-lo?

Ele também não entende suas criaturas,
condenadas previamente sem apelação a sofrimento e morte.

MÃO SECA

Naquela época, a cidade era muito pobre; as fazendas de café ofereciam a maior parte dos (sub) empregos na região. Os bóias-frias ganhavam mal. Para sustentar uma família, todos, inclusive crianças, trabalhavam, iam para a roça e normalmente paravam de estudar ao completarem a quarta série, quando muito.

A alimentação das pessoas freqüentemente era precária, o que acarretava conseqüências bem conhecidas em países como o nosso. Morte de crianças por motivos de fácil prevenção era comum. Vermes, gripes, pneumonias, diarréias, anemias e lá se ia o caixãozinho branco e seu cortejo.

Com o seu olhar de criança não pôde compreender essa visão em sua concretude, pôde apenas sentir uma tristeza romântica e eufêmica. As pessoas diziam: “Morreu sem pecados, virou anjinho”.

“Sofrimentos e incapacidade; eis o que criou os além-mundos, e esse breve desatino da felicidade que só conhece quem mais sofre.

A fadiga, que de um salto deseja atingir o extremo, uma fadiga pobre e ignorante, que não quer ao menos um desejo maior; foi ela que criou todos os deuses e todos os além-mundos.

Acreditai-me, meus irmãos! Foi o corpo que se desesperou do corpo; tateou com os dedos do espírito extraviado as últimas paredes.

Creiam em mim, meus irmãos! Foi o corpo que desesperou da terra: ouviu as entranhas do ser falarem.

Quis então que a sua cabeça transpusesse as derradeiras paredes, e não só a cabeça: mesmo ele quis passar para ‘o outro mundo’” (Nietzsche, 1979, p.24).

Clio começou a entender que aquilo era a miséria quando a viu matematicamente, em algumas ocasiões, que talvez não fossem a regra, mas se fizeram emblemáticas em sua memória. A primeira foi quando, no almoço na casa de Helena, fritaram um ovo, dividiram-no entre os dois homens da família; as mulheres podiam ficar sem mistura. A outra foi quando os irmãos da mesma casa fizeram uma *vaquinha* para comprar uma palha de aço no armazém. Um *bombril* avulso. Pequenos detalhes perdidos dentre tantos infinitos do dia-a-dia, renderam-lhe inquantificáveis espaços de tempo em reflexões. Por que nascera em condições de nunca ter passado por tais privações e aquela que era sua amiga de todos os dias, nesses todos os dias passava por elas?

A matemática é cruel em sua frieza e assepsia. O que é um inteiro vale por um inteiro, tem x calorias. Um homem precisa para viver, de $20x$ por refeição, mas só tem meio x , outros têm $200x$. Uma criança, quando aprende matemática, sabe muito bem o que é a desigualdade.

Depois de residir durante um ano na área urbana, mudou-se para a rural, para a roça, onde a pobreza era ainda maior e fez-se sentir de um jeito mais inegável. Já não era uma característica externa que causava conflitos mentais.

Moravam em um sítio muito bonito, numa casa típica de roça. Grande, com janelões de madeira e telhado alto, varanda, cozinha e banheiro no terreiro. Doze pés de jabuticabas muito antigos, bambuzais, nascente, riacho, bica d'água e monjolo.

Estudava num grupo escolar que ficava a uns quatro quilômetros de seu sítio. Ela e seus irmãos acordavam com o galo e os bois, tomavam café e juntavam-se às outras crianças que vinham de sítios mais distantes.

BOITEMPO

“ENTARDECE na roça
de modo diferente.
A sombra vem nos cascos,
no mugido da vaca
separada da cria.
O gado é que anoitece
e na luz que a vidraça
da casa fazendeira
derrama no curral
surge multiplicada
sua estátua de sal, escultura da noite.
Os chifres delimitam
o sono privativo
de cada rês e tecem
de curva em curva a ilha
do sono universal.
No gado é que dormimos
E nele que acordamos.
Amanhece na roça
de modo diferente.
A luz chega no leite,
Morno esguicho de tetas
E o dia é um pasto azul
Que o gado reconquista”
(Andrade, 1992 , p.465).

A escola era composta por duas salas de aula, dois banheiros, cozinha e quintal. As turmas da primeira e segunda séries e terceira e quarta ficavam juntas, por falta de espaço, professores e alunos. Sua professora, a da primeira-segunda série, era um tanto bruta. Parecia não perceber os seres humanos por detrás das peles e cabelos queimados, dos pés descalços, dos rostos cansados. Talvez não percebesse nem sua própria condição de ser humano. Entre aulas de caligrafia, ortografia, tabuada, tudo parecia absurdo.

Na sala de aula espantelhos, transformavam-se nas verdadeiras crianças na hora da merenda. Era a hora da comida e das brincadeiras. As meninas preferiam as cantigas de roda.

Eu sou pobre pobre pobre

De marré marré marré...

Uma garota veio lhe dar a mão. A aparência dela a incomodava: franzina, branca, enrugada de olhos que queriam estar dentro de você. Ao seu toque, um mal estar perturbador tomou conta de seus atos. Esquivou-se daquela mão áspera e da menina, sem saber direito o porquê. Ficou a sensação tátil de um assombro.



Foto 11 – Morador de Carmo da Mata/MG, 2002.

A mão da mãe transmite proteção, a boca amor, o tapa estupefação. Interações entre pessoas por meio de toques marcam reciprocamente vidas. As sensações, quando arrebatam, não se explicam. Foi preciso tempo e um esforço de compreensão que transcendesse a lógica matemática. Anos para destruir a vergonha de um sentimento até então desconhecido: o incômodo de pensar no que o desprezo de seu toque fez para a outra.

Mas o que era desprezado não era a loirinha, mas sim a miséria, a morte, o horror, causado pela desnutrição. Uma desnutrição crônica, que remonta aos primórdios da formação do povo brasileiro.

“De modo que, admitida a influência da dieta – influência talvez exagerada por certos autores modernos - sobre o desenvolvimento físico e econômico das populações, temos que reconhecer ter sido o regime alimentar do brasileiro, dentro da organização agrária e escravocrata que em grande parte presidiu a nossa formação, dos mais deficientes e instáveis.

(...)

No caso da sociedade brasileira o que se deu foi acentuar-se, pela pressão de uma influência econômico-social - a monocultura – a deficiência das fontes naturais de nutrição que a policultura teria atenuado ou mesmo corrigido e suprido, através de esforço agrícola regular e sistemático ” (Freyre, 1984, p.33-34).

A despeito de tudo de ruim que essa realidade apresentava, essa infância teve toda a alegria que uma infância pode ter. As crianças ou faziam o que queriam, ou transformavam o que faziam em algo querido. Naquele contexto, rapidez na colheita do café era motivo de enaltecimento na roda. Ir para a escola não tinha importância. O que é importante é o reconhecimento

social e o prazer, ambos relativos à cultura em que se está inserido. Se você é um bom trabalhador, é aseado (como isso é importante!) e se diverte, está de bom tamanho.

Aliás, chegou a ter vontade de ir para a roça também, porque todos tinham histórias das façanhas na lida, menos ela. Ela não entendia nada daqueles assuntos.

UMA MENINA

Chico Buarque (1987, Francisco)

Uma menina igual a mil
Que não está nem aí
Tivesse a vida pra escolher
E era talvez ser distraída
O que ela mais queria ser
Ah, se eu pudesse não cantar,
Esta absurda melodia
Pra uma menina distraída
Uma menina igual a mil
Do Morro do Tuiuti.

Uma menina igual a mil
Que não está nem aí
Tivesse a vida pra escolher
E era talvez ser distraída
O que ela mais queria ser
Ah, se eu pudesse não cantar,
Esta absurda melodia
Pra uma criança assim caída
Uma menina do Brasil
Que não está nem aí
Uma menina igual a mil
Do Morro do Tuiuti

RUNPELTINSTISKYN*

Sabe, toda menina tem sua melhor amiga. Aquela capaz de fazer a gente dobrar o penacho para não magoar ou também para quem não se dá o braço a torcer de jeito nenhum. Melhores amigas querem estar sempre juntas, até nos lugares onde não querem estar. Podem ficar durante um longo tempo afastadas e quando se vêem, ainda sabem olhar-se nos olhos. Quando são crianças, podem dizer-se tudo porque, mesmo magoando-se, sabem perdoar-se.

Helena e Clio passavam algumas tardes brincando de casinha. Na garagem dividida em cômodos de mentirinha, com seus bebês de mentirinha. Orgulhavam-se de poder brincar com um fogãozinho de verdade montado com tijolos no terreiro, com fogo de verdade, faziam comidinha de verdade. Conversando conversas de donas-de-casa de mentirinha. “Bom dia vizinha! Já varreu o terreiro? Estou arrumando a cozinha agora, meu bebê vai acordar daqui a pouco vou fazer a mamadeira, como é o nome do seu filhinho? É, deixa eu ver... Amanda, Ah! A minha se chama Helenildes! O que?! Por que você só põe nome esquisito nos seus filhos? É Helena com Alcides, por quê? É esquisito. Não é não, esquisito é ter uma filha peluda de focinho, vestida de vermelho, igual a sua. Não fala assim do Pão-de-mel. Uai! Não era Amanda? Seu filho é homem ou mulher? Assim não vale, não quero mais brincar. Pode parar, eu brinco sozinha, né Helenildes? Então vai brincar fora da minha garagem”.

Então elas ficavam separadas, tentando parecer que se divertiam sozinhas, até que a saudade da antiga harmonia batia e uma batia à porta da

* Rumpelinstiskyn é o nome de um personagem de um conto de fadas de um livro perdido. O conflito do conto consistia em descobrir o nome de um duende mau. Quem descobriria um nome desses?

outra: “Será que você tem um pouco de açúcar pra me emprestar? Tenho. Vamos fazer um piquenique? Legal! Eu, você, a Helenildes e o Pão”.



Fotos 12 e 13 – Pão de Mel, 2002.

Um dia separaram-se por um longo tempo, por diferenças maiores. Helena casou-se. Mandara o convite, mas Clio não foi. Depois de dez anos, Clio bateu à porta de Helena. Helena convidou-a para passarem o dia juntas. Seu marido estava trabalhando, é o encarregado da pedreira. Depois do serviço vai com os amigos tocar a construção de sua futura casa.

- Vamos fazer o almoço juntas, como antigamente.

Enquanto cozinham, conversavam sobre a vida. Agora conversa de gente grande.

- Qual é o nome da sua filha?

- É Aliscarla.

- Oi Aliscarla! – disse, virando-se para a menina, pensou que a amiga continuava com a mesma velha mania – Meu nome é Clio.

A menina, tímida, escondeu-se atrás das pernas da mãe.

- Clio, você se lembra da última vez que a gente se falou?

Ela recapitulou: voltara a morar em São Paulo e ia sempre para Carmo da Mata, ficava na casa de Helena e divertiam-se bastante. Mas Helena começou a pensar em casamento tão cedo... e ela só queria vagar pela cidade e jogar queimada, tinham catorze anos. Lembrou da revolta que teve ao perceber que dali em diante suas vidas seguiam caminhos tão distantes.

- Não, não lembro – respondeu.

- Você me disse que se eu não voltasse a estudar, nunca mais voltaria pra cá. Quase cumpriu a palavra, heim! – destroçava o frango para fritar – sabe que a Aliscarla só gosta das partes com osso? Igual a você. Você ainda come o pé da galinha?

- Eu não me lembrava mais disso... Você ainda tem as cartas que eu te mandava?

- Tenho... pega lá na parte de cima do meu armário, numa caixa escrito Azaléia e traz aqui.

A última continha uma foto de Clio. No verso estava escrito: *Nunca me esqueça, porque eu nunca te esquecerei..., Clio, 07 de maio de 1992.*

Helena falava, enquanto picava o repolho para a salada.

– Sabe, depois disso, tanta coisa aconteceu! Você lembra do João? Então, eu namorei com ele, escondido do pai, até os dezesseis. Aí ele aceitou... – e contou sua história com o marido João.

“O meu amor
tem um jeito manso que é só seu
e que me deixa louca
quando me beija a boca
a minha pele toda fica arrepiada
e me beija com calma e fundo
até minh’alma se sentir beijada (...)”
(Chico Buarque, 1979, Ópera do malandro).

Desfiou todos os sentimentos, altos e baixos do seu amor, como se tivesse guardado todas as conversas que teriam tido durante a longa separação das melhores amigas. Clio sentiu, enquanto ouvia, livrar-se gradativamente do peso de não ter estado presente em todos aqueles dias

- E você? – terminou.
- Estou bem! Continuo estudando – AINDA, pensou.
- E você, tem namorado?
- Terminamos há cinco meses.
- Ah! Não desespera não!
- Mas eu não estou desesperada! Fica tranqüila.
- Você não quer casar?

- É que lá em São Paulo a gente não namora só pra casar – disse e depois se arrependeu – está pronto?

- Sim. Vamos comer.

Comeram e arrumaram a cozinha juntas.

- Helena, eu tenho que ir.

- Já! Fica mais. Fica pra conhecer o João.

- Eu vou. Tchau Aliscarla! – deu um beijo na menina, que assistia televisão.

Abraçaram-se um abraço sincero, beijaram-se e olharam-se para tentar descobrir a felicidade nos olhos da outra. Pensaram em quando se veriam novamente.

TATUAGEM

Chico Buarque e Ruy Guerra (1976, Falso brilhante)

Quero ficar no teu corpo feito tatuagem
Que é pra te dar coragem
Pra seguir viagem
Quando a noite vem
E também pra me perpetuar em tua escrava
Que você pega, esfrega, nega
Mas não lava
Eu quero brincar no teu corpo feito bailarina
Que logo te alucina
Salta e te ilumina
Quando a noite vem
E nos músculos exaustos do teu braço
Repousar frouxa, murcha, farta
Morta de cansaço

Eu quero pesar feito cruz nas tuas costas
Que te retalha em postas
Mas no fundo gostas
Quando a noite vem
Eu quero ser a cicatriz risonha e corrosiva
Marcada a frio, ferro e fogo
Em carne viva

Corações de mãe
Arpões, sereias e serpentes
Que te rabiscam o corpo todo mas não sentes.

REVELAÇÃO

Como relacionar as *historietas* com a temática do corpo e da educação física? Isso se faz necessário ou elas falam por si só? Como fazer com que este texto não sirva para limitar a amplitude do pensamento instigado por elas? Como não confundir limitar um tema com limitar um pensamento?

Existe a possibilidade de um sobrevôo no qual, da imagem enorme avistada, escolhe-se uma presa e, em vôo rasante, captura-se e digere-se essa presa; que não se confunda com um mergulho no qual se observa algo, contorna-o, dedica-lhe atenção exclusiva por um tempo, sem deixar de estar envolto pela água que banha também as coisas não vistas. O espaço/tempo das *historietas* é o oceano e os acontecimentos são as coisas diante das quais se detém. As características da água desse oceano, sua temperatura, luminosidade e viscosidade serão expressas a seguir.

Um dos temas que banham todas as discussões suscitadas pelos textos anteriores é o da educação do corpo e para entendê-lo é necessário pensar o corpo em sua historicidade, refletindo sobre a relação dialética entre corpo e cultura, corpo e mundo, que se modelam mutuamente. Novas significações brotam como resultado dos diversos corpos que *tivemos* e do modo como eles estiveram ligados às formas de controle do comportamento humano e da natureza. Estudos afirmam que todos os entendimentos de corpo e suas práticas, desde os mais remotos, estão entranhados nos corpos atuais. Não como camadas sobrepostas, mas como um caldo cozido ao longo dos séculos, cuja adição de um ingrediente transforma-o continuamente.

Assim ocorre durante uma vida. Desde que nasce ensinada a significar o corpo e suas práticas. Tudo sentido e gravado como memória corporal, constituindo a pessoa desse caldo histórico milenar. Ensinam-na de

modo multilateral, porque, por mais corpo dócil que seja, também imprime sua marca no que lhe é ensinado.

E aí cabem algumas palavras sobre o sentir, a via do aprendizado. Alguns autores até afirmam que sentir é conhecer. Ou seria perceber é conhecer? Enfim, fortalece-se a idéia de que o sentir tem grande importância na esfera educativa – o sentir que não é passividade, é ato pelo qual responde-se também às sensações. Ou seja: ao se olhar uma pessoa está-se vendo-a e transmitindo-lhe o olhar e quando sente-se na pele algo, simultaneamente transmite-se um toque.

Estendendo essa duplicidade do sentir e ser sentido a outras esferas como a do educar e ser educado ou controlar e ser controlado, vê-se que não se trata propriamente de uma duplicidade, mas sim de uma multiplicidade, de uma rede em que se educa pelos sentimentos, sente-se educadamente, controla-se educando, educa-se controlando e assim por diante. Seguindo este raciocínio, Richard Sennett, em seu livro Carne e pedra (1997), esclarece como, desde a antiguidade, foram criados espaços exclusivos para cada segmento da sociedade, divididos os espaços de forma hierárquica assim como se dividia o corpo, sendo a ordem hierárquica determinada, em cada época, pela ordem econômica vigente: as relações de poder sempre se deram ligadas aos cuidados com o corpo, ao controle dos comportamentos e à arquitetura e, mais detalhadamente, aos contornos das ruas, à forma de divisão dos espaços e às linhas de seus edifícios. Aí está o papel crucial dos *estudiosos do corpo*, pois estes justificavam as diversas concepções de corpo que condiziam com a ordem então estabelecida pelo jogo do poder.

Dentre esses *estudiosos do corpo*, até hoje os médicos têm desempenhado o papel predominante – é interessante observar como essa classe profissional sempre agiu diretamente no âmbito da política, como nas

idades pequenas, em que comumente o único médico é também o prefeito – sempre comprovando, por meio dos estudos anatômicos, químicos e clínicos, os porquês de cada corpo ser saudável ou doente, prescrevendo remédios contra alguns males e decretando a inexistência de remédios contra outros; detendo o poder sobre o conhecimento circulante sobre o corpo e o de como cuidar dele. Desse conhecimento, fundamentalmente médico, ramificaram-se diversas ciências ou aplicações, como a fisioterapia e a educação física e dele nutriram-se, quase exclusivamente e por longo tempo, outras, como a psicologia e a pedagogia.

Voltando a atenção especificamente para a educação física, percebe-se o quanto ela esteve e está ocupada com a saúde do sujeito e da sociedade sob um viés de controle dos comportamentos, tendo como uma das principais bandeiras o adestramento de corpos, assim como a educação escolar moderna, com suas carteiras enfileiradas, seu visual sombrio e silêncio doentio.

E ainda é o adestramento uma de suas bandeiras, não o mesmo adestramento que justificou seu nascimento. Certamente renovado nas águas mais progressistas da educação, o adestramento atual pode ser interpretado como uma educação dos sentidos, não encarada como exclusividade da educação física, mas assumido como sua especificidade desde o início.

“Para desenvolver e ampliar seu método ginástico, Amoros inspirou-se nas idéias pedagógicas do suíço Pestalozzi, que acentuava a necessidade do exercício físico na educação das crianças como um meio de formação não somente física, mas também estética e sensorial” (Soares, 1998, p.34).

E ainda:

“Formar o homem forte e integrado na emergente sociedade burguesa, mas, sobretudo, o homem sensível, foi um dos grandes objetivos de Amoros com o seu método de Ginástica” (Soares, 1998, p.49).

Essa preocupação com a educação do corpo consolidou-se com os avanços científicos, notavelmente em fisiologia, que permitiram a Demeny embasá-la com conhecimentos sobre o sistema nervoso. Os avanços científicos, filhos da racionalidade que no passado subordinou o corpo à alma, são, paradoxalmente, co-responsáveis pela *redescoberta* do corpo/alma, a partir da qual foi conferida ao corpo ou à dimensão corpórea do homem “(...) *um significado ou uma importância maior nas teorias explicativas de algumas ciências e (levou) a reconhecê-lo como problema ou objeto*” (Bracht, 1999, p.83). Nas teorias da aprendizagem, “(...) *o corpo passa a ser reconhecido como sujeito epistêmico, pois, como coloca Assmann (1996) ‘todo conhecimento é um texto corporal, tem uma textura corporal’*” (Bracht, 1999, p.84).

No Brasil, a educação física incorporou essa nova idéia a partir da década de 1970, quando surgiram as primeiras concepções renovadoras. Uma mais fortemente embasada na psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem e outras mais fortemente embasadas nas ciências sociais. As últimas deram um passo à frente das outras por considerarem o ser humano num aspecto mais amplo, o cultural, superando as barreiras biologicistas e dando uma nova denominação para a categoria de elementos da educação física – a cultura corporal ou a cultura de movimento. Essas concepções parecem ser mais afinadas com a idéia de o corpo ser sujeito epistêmico, porque prevêem que o sujeito não apenas reproduz o conhecimento, mas sim

apropria-se dele criticamente, recriando-o. São mais pertinentes a este trabalho porque comungam com a idéia da historicidade do corpo e de tudo que diz respeito a ela e têm também como um de seus desafios, como afirma Bracht:

“(...) fazer uma leitura adequada da ‘política do corpo’ (Foucault) ou então de como o ‘corpo’ aparece na atual dinâmica cultural, no sentido mais amplo, com suas intersecções sociais, principalmente na sua função de afirmar, confirmar e reconstruir (porque constantemente contestada) a hegemonia de um projeto histórico, bem como situar o papel da instituição educacional nesse processo” (Bracht, 1999, p.83).

Mas corre-se o risco de falarmos muito da historicidade do corpo e esquecer-se das histórias dos corpos que existem concretamente nas relações de ensino materializadas no cotidiano escolar.

“Na aula, locus específico de relações de ensino deliberadas, os lugares sociais de professor e de aluno e as relações que se produzem entre eles não existem em si. Eles existem, materializando-se a medida que vão sendo ocupados por indivíduos reais, que se integram a eles” (Fontana, 2001, p.51).

E como uma futura professora pode pensar corpos em sua historicidade concreta? Como Roseli Fontana, em O corpo aprendiz (2001): resgatando um pouco da própria história corporal.

Como Roseli, essa futura professora teve medo das bolas, nascido nas aulas de educação física, e amor pelos livros. Juntou o medo e o amor e caiu de pára-quadras numa Faculdade de Educação Física, onde se apaixonou pela possibilidade de investigar esse fenômeno que a instigou desde a tenra infância: o corpo. O meu corpo.



Foto 14 – A autora, 1977.

“As múltiplas faces das dobras visíveis do tempo...”

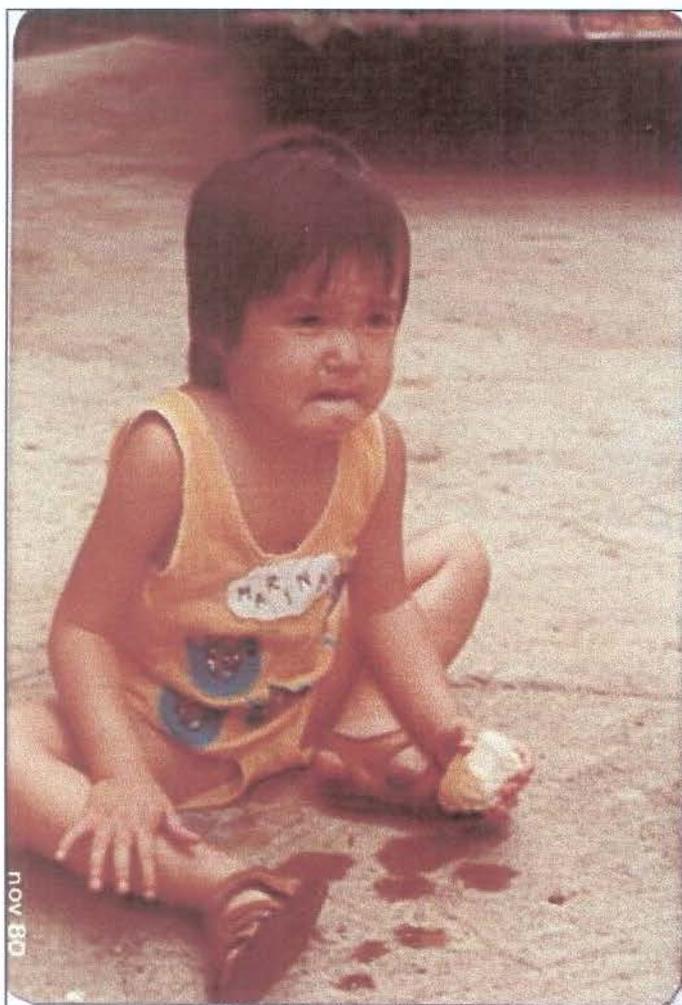


Foto 15 – A autora, 1980.

... na arquitetura, no urbanismo, nos
utensílios, no maquinário, ...

... são reveladas materialmente...

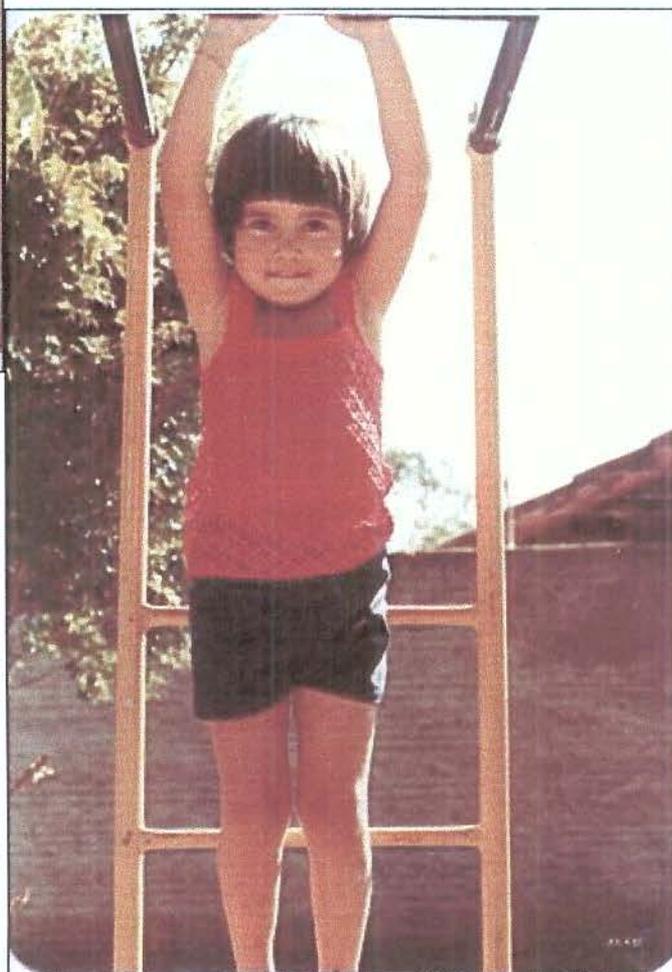


Foto 16 – A autora, 1982.



Foto 17 – A autora, 1989.

... no vestuário, nos objetos, mas, sobretudo,....

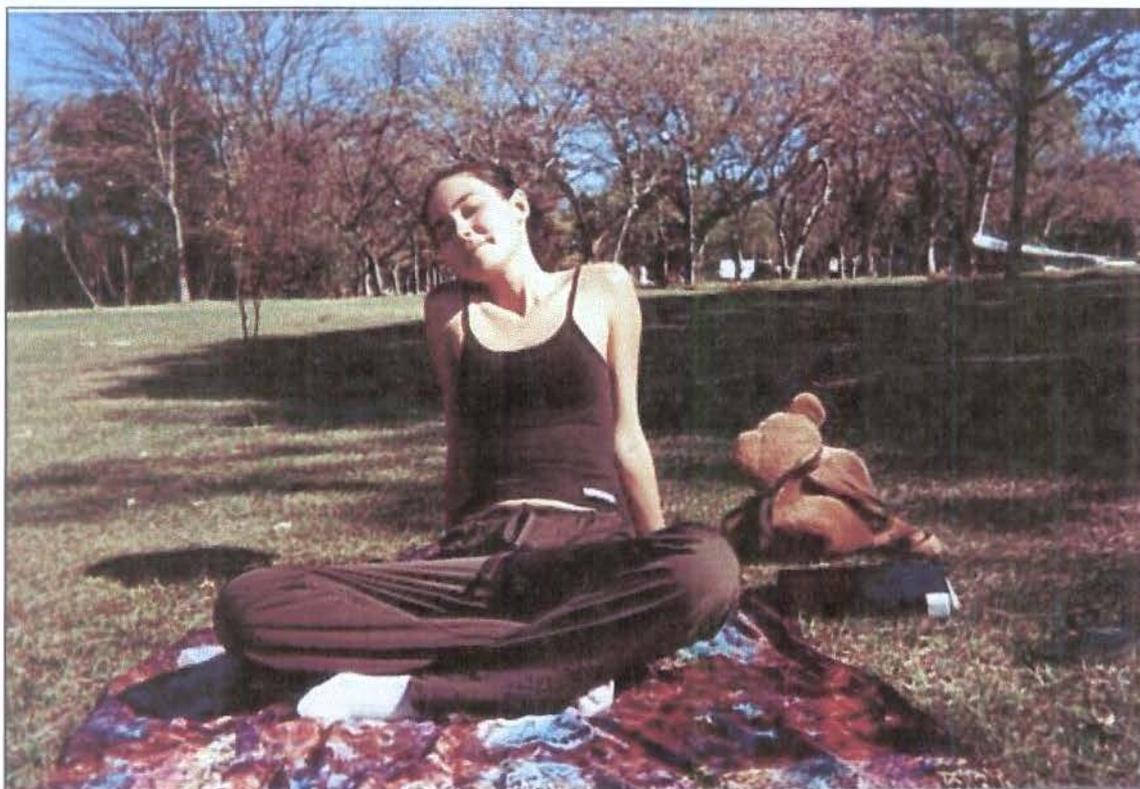


Foto 18 – A autora, 2001.

... no corpo (Soares, 2001, p.109)”.
.

JANELA SOBRE A MEMÓRIA II

Eduardo Galeano (1994, p.96)

Um refúgio?

Uma barriga?

Um abrigo onde se esconder quando estiver se afogando na chuva, ou sendo quebrado pelo frio, ou sendo revirado pelo vento?

Temos um esplêndido passado pela frente?

Para os navegantes com desejo de vento, a memória é um porto de partida.

RODA VIVA

Debruçando-me sobre estas narrativas, não pude deixar de fazer uma ligação constante com as reflexões das disciplinas Prática de Ensino de Educação Física e Estágio Supervisionado I e II *. Porém, não uma ligação clara e unívoca. Na verdade, não posso delimitar onde acabam as histórias da menina em um cidadezinha qualquer e começam as da mulher, estagiária e professora Marina, pois as experiências em mim incorporaram-se e comigo vivem, influenciando-me nas ações de pessoa e profissional.

Diante dessas experiências e memórias, percebo ligações entre elas que se deram não desvinculadas de um sentido maior. De um sentido que toma nossas vidas independentemente de nós, como a imagem que captura a fotografia, lembra?

Neste caso, o sentido foi o de fazer-me descobrir a pergunta que comumente está na origem das monografias.

A pergunta desta monografia vem sendo constituído pelas primeiras experiências sentidas e incorporadas em mim. Essas memórias, essas marcas, essas construções, instigaram-me e levaram-me ao corpo-problema antes mesmo de saber o que era o corpo-problema. A necessidade de escrever sobre elas foi a de estar novamente onde aconteceram e redescobrir o percebido, captando uma centelha do que me constituiu. Pode então parecer um paradoxo a narrativa em terceira pessoa e esse paradoxo deve-se à complexidade do acontecido: eu não podia ser apenas eu contando experiências de outras pessoas, porque conto como as senti e, sentindo-as, são minhas também.

* A orientadora deste trabalho é também a professora das disciplinas de Prática de Ensino de Educação Física e Estágio Supervisionado.

E para que serve estudar uma centelha do que me constituiu se, a partir de então, continuo constituindo-me por uma infinidade de centelhas, dentre as quais somente uma quantidade ínfima chegará à consciência?

Serve para eu chegar à pergunta.

Quando eu terminei a parte narrativa deste trabalho, encontrava-me na encruzilhada de achar o elo que ligaria as minha histórias com a educação física. Mais uma vez, sendo escolhida pelos temas estudados, repensei sobre “As imagens da educação no corpo” (Soares, 1998), a “Educação Física e as Ciências Humanas” (Carvalho, Rubio, 2001), o “Corpo e história” (Soares, 2001) e o “Corpo e educação” (Caderno Cedes, 1999) e dei um salto no espiral do conhecimento. O salto consistiu em perceber que o elo procurado era o único possível entre todas e quaisquer histórias e todo e qualquer conhecimento: o corpo, no caso, o eu-corpo.

A descoberta, tantas vezes lida e tantas vezes escutada antes mesmo dela acontecer, aconteceu. Percebi que eu-corpo esteve e está nas aulas, leu e lê livros, viveu e vive nas ruas e incorporou e incorpora aprendizados (O corpo aprendiz...). Ou seja, eu sou eu-corpo-histórico.

Daí surgiu a pergunta.

Porém, para tocá-la, preciso colocar duas nuvens que choverão sobre sua semente. Essas nuvens são premissas a partir de agora: a primeira é que nós só podemos conhecer mais efetivamente quando assumimos o conhecimento *sentido* como fazendo parte de nós-corpos-históricos e a segunda é a de que a educação física é um espaço privilegiado para educar para o conhecimento do eu-corpo-histórico. Indo um pouco além, será especificidade da educação física ensinar as pessoas a perceberem-se como sujeitos-corpos-históricos e que produzem práticas corporais?

Acreditando que sim, formulo minha pergunta: como eu, professora de educação física, posso conduzir meus alunos e alunas para a descoberta deles mesmos como esses sujeitos-corpos-históricos produtores de práticas corporais?

Arrisco-me agora a pensar possibilidades de soluções para esta pergunta a partir do meu próprio processo*.



Foto 19 – Roda pega-pega com a 3^a série B, 2002.

* Aulas de educação física na Escola “Dora Kanso”, em Campinas/SP, para turmas de 1^a à 4^a série do ensino fundamental, referentes ao estágio do Curso de Licenciatura em Educação Física da FEF-Unicamp.



Foto 20 – Conversando em roda com a 1ª série B e alunos da 4ª série B, 2002.



Foto 21 – Quem perde o lugar na roda dança, com a mesma turma, 2002.



Foto 22 – O mundo de cabeça para baixo com a 3ª série, 2002.



Foto 23 – Uma roda diferente com a 3^a série A, 2002.



Foto 24 – Caça às tanajuras com a 1ª série A, 2002.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond de. **Poesia e prosa**. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1992.

ARTAUD, Antonin. **Os sentimentos atrasam**. Lisboa: Hiena, 1993.

BENJAMIN, Walter. **Reflexões: a criança, o brinquedo, a educação** São Paulo: Summus, 1984.

----- . O narrador, considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: **Magia e técnica, arte e política** – ensaios sobre literatura e história da cultura. 7. ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994. p 197-221.

BOAL, Augusto. **Teatro do oprimido e outras poéticas políticas** 4. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1983.

BRACHT, Valter. A constituição das teorias pedagógicas da educação física. In: CADERNO CEDES 48. *Corpo e Educação*. Campinas: Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES), 1999. P.69-88.

CADERNO CEDES 48. *Corpo e Educação*. Campinas: Centro de Estudos Educação e Sociedade (CEDES), 1999.

CARVALHO, Yara Maria de., RUBIO, Katia (Orgas.). **Educação Física e Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001. p.41-52.

FONTANA, Roseli A Cação. O corpo aprendiz. In: CARVALHO, Yara Maria de., RUBIO, Katia (Orgas.). **Educação Física e Ciências Humanas**. São Paulo: Hucitec, 2001. p.41-52.

FRAGA, Alex Branco. **Corpo, identidade e bom-mocismo: cotidiano de uma adolescência bem-comportada**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

FRENETTE, Marcos. A cor da infância. **Caros Amigos**, São Paulo, ano 3, n.26, p. 29-30, maio 1999.

FREYRE, Gilberto **Casa Grande & Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. 23.ed. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1984.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Memória, história e testemunho. In: BRESCIANI, Stella, NAXARA, Márcia (Orgas.). **Memória e (res)sentimento: indagações sobre uma questão sensível**. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p.85-94.

GALEANO, Eduardo. **As palavras andantes**. 2.ed. Porto Alegre: L&PM, 1994.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

NIETZSCHE, Friederich. **Assim falava Zaratustra**. 6.ed. São Paulo: Hemus, c1979.

OLIVEIRA, Rosiska Darcy de, RIBEIRO, Mariska e PAIVA, Miguel. **Mulher, sexo no feminino**. São Paulo: Brasiliense, s. d.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de história: problemáticas atuais. In: BRESCIANI, Stella, NAXARA, Márcia (Orgs.). **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas: Editora da Unicamp, 2001. p.37-58.

SENNETT, R. **Carne e pedra**: o corpo e a cidade na civilização ocidental. Rio de Janeiro: Record, 1997.

SOARES, Carmen Lúcia. **Imagens da educação no corpo**. Campinas: Autores Associados, 1998.

----- . Corpo, conhecimento e educação: notas esparsas. In: SOARES, Carmen Lúcia. (Orga.). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001. p.109-129.

VAZ, Alexandre Fernandes. Memória e progresso. Sobre a presença do corpo na arqueologia da modernidade em Walter Benjamin. In:

SOARES, Carmen Lúcia (Orga.). **Corpo e História**. Campinas: Autores Associados, 2001. p.43-60.

VERGER, P. F. **Lendas africanas dos Orixás**. Ilustrações de Carybé. São Paulo: Editora Curropio, 1985.

ANEXO

OXAGUIÃ

“Exê êêê!

Oxaguiã era o filho de Oxalufã.

Ele nasceu em Ifé, bem antes de seu pai tornar-se o rei de Ifan.

Oxaguiã, valente guerreiro, desejou, por sua vez, conquistar um reino.

Partiu, acompanhado de seu amigo Awoledjê.

Oxaguiã não tinha ainda este nome.

Chegou num lugar chamado Ejigbô e aí tornou-se *Elejigbô* – ‘Rei de Ejigbô’.

Oxaguiã tinha uma grande paixão por inhame pilado, comida que os iorubas chamam de *iyán*.

Elejigbô comia deste *iyán* a todo momento;

comia de manhã, ao meio-dia e depois da sesta;

comia no jantar e até mesmo durante a noite, se sentisse vazio seu estômago!

Ele recusava qualquer outra comida, era sempre *iyán* que devia ser-lhe servido.

Chegou ao ponto de inventar o pilão

Para que fosse preparado seu prato predileto!

Impressionados pela sua mania, os outros orixás deram-lhe um cognome:

Oxaguiã, que significa ‘Orixá-comedor-de-inhame-pilado’, e assim passou a ser chamado.

Awoledjê, seu companheiro, era babalaô,

um grande adivinho, que o aconselhava no que devia ou não fazer.

Certa ocasião, Awoledjê aconselhou a Oxaguiã oferecer:

dois ratos de tamanho médio;

dois peixes, que nadassem majestosamente;

duas galinhas, cujo fígado fosse bem grande;

duas cabras, cujo leite fosse abundante;

duas cestas de caramujos e muitos panos brancos.

Disse-lhe, ainda, que se ele seguisse seus conselhos,

Ejigbô, que era então um pequeno vilarejo dentro da floresta, tornar-se-ia, muito em breve, uma cidade grande e poderosa

e povoada de muitos habitantes.

Depois disso Awoledjê partiu em viagem a outros lugares.

Elijgbô tornou-se uma grande cidade, como previra Awoledjê.

Ela era arroteada de muralhas com fossos profundos, as portas fortificadas

e guardas armados vigiavam suas entradas e saídas.

Havia um grande mercado, em frente ao palácio, que atraía, de muito longe, compradores e vendedores de mercadorias e escravos.

Elejigbô vivia com pompa entre suas mulheres e servidores.

Músicos cantavam seus louvores.

Quando falava-se dele, não se usava seu nome jamais, pois seria falta de respeito.

Era a expressão *Kabiyesi*, isto é, Sua Majestade, que deveria ser empregada.

Ao cabo de alguns anos, Awoledjê voltou.

Ele desconhecia, ainda, o novo esplendor de seu amigo.

Chegando diante dos guardas, na entrada do palácio,

Awoledjê pediu, familiarmente, notícias do ‘Comedor-de-inhame-pilado’.

Chocados pela insolência do forasteiro, os guardas gritaram:

‘Que ultraje falar desta maneira de *Kabiyesi*!

Que impertinência! Que falta de respeito!’

E caíram sobre ele dando-lhe pauladas e cruelmente jogaram-no na cadeia.

Awoledjê, mortificado pelos maus tratos, decidiu vingar-se, utilizando sua magia.

Durante sete anos a chuva não caiu sobre Ejigbô,

as mulheres tiveram mais filhos

e os cavalos do rei não tinham mais pasto.

Elijigbô, desesperado, consultou um babalaô para remediar esta triste situação.

Este respondeu-lhe:

‘*Kabiyesi*, toda esta infelicidade é consequência da injusta prisão de um dos meus confrades!

É preciso soltá-lo, *kabiyesi*!

É preciso obter o seu perdão!’

Awoledjê foi solto e, cheio de ressentimento, foi-se esconder no fundo da mata.

Elejigbô, apesar de rei tão importante, teve que ir suplicar-lhe que esquecesse os maus tratos sofridos e o perdoasse.

‘Muito bem! – respondeu-lhe.

Eu permito que a chuva caia de novo, Oxaguiã, mas tem uma condição:

Cada ano, por ocasião da sua festa, será necessário que você envie muita gente à floresta, cortar trezentos feixes de varetas.

Os habitantes de Ejigbô, divididos em dois campos, Deverão golpear-se, uns aos outros, até que estas varetas estejam gastas ou quebrem-se’.

Desde então, todos os anos, no fim da seca, Os habitantes dos dois bairros de Ejigbô, aqueles de Ixalê Oxolô e aqueles de Okê Mapô, batem-se todo um dia, em sinal de contrição e na esperança de verem, novamente, a chuva cair.

A lembrança desse costume conservou-se através dos tempos e permanece viva, também, na Bahia.

Por ocasião das cerimônias em louvor a Oxaguiã,

As pessoas batem-se umas nas outras, com leves golpes de vareta...

e recebem, em seguida, uma porção de inhame pilado, enquanto Oxaguiã vem dançar com energia, trazendo uma mão de pilão,

símbolo das preferências gastronômicas do Orixá ‘Comedor-de-inhame-pilado’.

Exê ê! Baba Exê ê!”

(Verger, 1985, p.65-67).